
**COMPARTILHAR EXPERIÊNCIAS:
o desafio de criar um espaço de universalização do saber**

SHARING EXPERIENCES:
the challenge of creating a space for universalizing knowledge

José Adelson Lopes Peixoto

Lançar o primeiro número de uma revista científica é uma atividade que mistura vários sentimentos, iniciando com a responsabilidade inerente a tal missão, passando por euforia, entusiasmo, senso de vitória e noção de contribuição científica até chegar a sensação de proximidade com outros pesquisadores e, por que não dizer, com outros entusiastas da pesquisa, da ciência e da universalização do saber.

Ao organizar o primeiro número da *Revista Campiô* nasce a certeza de estar materializando um periódico que objetiva ser um espaço de diálogo e reflexões sobre a história, múltiplas linguagens, cultura, educação, religião, etnografia, território, patrimônio, ancestralidade, protagonismos, negações, silenciamento e imagens sobre os povos indígenas no Nordeste brasileiro e, com certa ênfase, em Alagoas. Desse modo, a intenção é construir um espaço de discussão sobre a participação de tais povos na história local e nacional, bem como oferecer subsídios necessários à compreensão das realidades vividas pelos indígenas na contemporaneidade, sobretudo socializando experiências vividas com e pelos indígenas nos cursos de Licenciatura Interculturais.

Além de ter a pretensão de se converter em referência científica, a *Campiô* pretende estimular a divulgação de pesquisas e trabalhos acadêmicos nas várias áreas do saber que se detenham sobre a temática indígena e, dessa forma, fomentar a indissociabilidade entre as atividades de ensino, pesquisa e extensão.

O nome Campiô é dado em apologia a um dos principais elementos da cultura indígena do Nordeste, usado para fumar e defumar, converte-se em importante elo entre o humano e suas divindades, os Encantados, sendo indispensável na realização dos seus rituais sagrados e no cotidiano daqueles indivíduos. Assim, concebemos o periódico como algo que possibilite criar conexões, estabelecer trocas e divulgar a identidade e o protagonismo dos povos originários do Brasil.



Com essa concepção, a temática abordada neste volume intitulado **“Indígenas em Alagoas: Identidade, memória e educação”** atende à nossa compreensão de que os processos de inclusão da temática indígena na Universidade precisa ganhar novas abordagens e ser elevada a patamares que possam os converter em políticas públicas mais efetivas e cotidianas, de modo possam reparar a dívida histórica contraída em desfavor das populações tradicionais, quando da chegada do colonizador europeu aos seus territórios.

Assim, apresentamos alguns estudos realizados por pesquisadores como o Prof. Dr. Edson Silva (UFPE) sobre o reconhecimento das sociodiversidades na educação para as relações étnico raciais, destacando a participação dos indígenas nos processos históricos na História do Brasil, contribuindo para compreensão sobre os protagonismos dos povos indígenas nas (des)continuidades históricas.

A Prof^a Dr^a Vania Maria Losada Moreira e o Prof. Me. Adauto Santos da Rocha (UFRRJ) discutem sobre o ofício da parteira entre os indígenas Xukuru-Kariri de Palmeira dos Índios –AL, entrecruzam vários registros oficiais com o intuito de apresentar os meandros e as particularidades da atuação do Estado entre aqueles indígenas e como isso reverberou nos processos de reconquista territorial e fortalecimento étnico centrado em práticas tradicionais.

O Prof. Dr. José Adelson Lopes Peixoto e Vinícius Alves de Mendonça (UNEAL) fazem uma abordagem sobre a pintura corporal como elemento imprescindível no universo religioso dos indígenas Jiripankó, no Alto Sertão alagoano e como essa prática é caracterizada enquanto representação da identidade étnica e como congrega pertencimento e memórias particulares.

Na sequência, O Prof. Dr. José Adelson Lopes Peixoto e Luís Augusto Silva apresentam uma discussão sobre o indígena imaginado a partir das reproduções contidas no livro didático e o indígena conhecido, habitando nos centros urbanos ou nos aldeamentos, porém inserido no contexto do mundo contemporâneo que o estereotipa e exclui ao passo em que folcloriza suas práticas culturais e identitárias.

Encerrando a seção de artigos, o Prof. Me. Brunemberg da Silva Soares (SEMEDE-Palmeira dos Índios) faz uma discussão sobre o Museu Xucurus de História, Artes e Costumes como recurso didático para o ensino da História de Palmeira dos Índios, apresenta a instituição museológica como um lugar de memórias, de múltiplos discursos e intencionalidades que apontam para variadas concepções teóricas e metodológicas.



A segunda e última parte do número é destinada à apresentação de um ensaio fotográfico intitulado “**Encantamento e representação: flechamento do umbu e Puxada do cipó**”. O ensaio composto por 10 fotografias coloridas é resultante de pesquisas de campo, de cunho etnográfico, junto ao Povo Jiripankó, no município de Pariconha Alagoas. Os autores José Adelson Lopes Peixoto, Tércio Santos de Souza e Vinícius Alves de Mendonça apresentam o significado e sentido do ritual que marca as atividades relacionadas a agricultura, ao cotidiano e ao fortalecimento do referido povo indígena.

No geral, este volume representa o nascimento de um periódico que deverá se consolidar no universo da pesquisa sobre e com os povos indígenas e se configura como instrumento de socialização de pesquisas sérias e comprometidas com o desenvolvimento de reflexões necessárias a manutenção e fortalecimento da vida indígena no Nordeste brasileiro.

Que o exercício do compartilhamento seja o condutor na produção e difusão de saberes. Boa leitura!